

Qualquer dia faço uma loucura aqui dentro

Eduardo A. D. Veiga

*No nosso sistema educacional,
sobrecarregamos a memória com uma
grande quantidade de fatos desconexos e nos
empenhamos arduamente em compartilhar o
conhecimento que adquirimos em duras
penas. Ensina-mos as pessoas a lembrar,
nunca a progredir.*

Oscar Wilde (Melo, 2003)

João, Marcos e Emanuele (nomes fictícios para personagens reais), moradores das favelas do Rio de Lágrimas, quer dizer, Rio de Janeiro. Um negro, o outro, também e ela “branquinha”. Coisas em comum: favelados. João, pai assassinado e o terceiro de sete irmãos, dos quais três mortos pelo tráfico. Marcos, sem mãe e pai e desaparecidos desde de muito cedo, foi educado pela avó. Emanuele, pais separados, e durante quatro anos, assediada pelo padrasto. Cansada da exploração, física e psicológica, pede ajuda às irmãs, e obrigada, a mãe o expulsa de casa. Resultado: mãe abandona a filha preferindo ficar com o namorado.

Dando um salto...

Como professor, no cotidiano da escola pública percebo uma enorme necessidade, por parte destes jovens, de serem ouvidos e de receberem atenção. “Empresto” meus ouvidos a eles e elas, assim cotidianamente vão surgindo as mais variadas histórias. Espontaneamente vão percorrendo cada um, e de maneira peculiar seus pensamentos, críticas e desejos. Como encontram o que desejam avançam e se manifestam singularmente.

Os três foram unânimes em dizer que se não fosse pela obrigatoriedade imposta, não frequentariam a escola. Fiquei a pensar que obrigatoriedade

quiseram dizer, mas não investiguei, apenas ouvi. Poderia tentar vasculhar onde se inspiraram para dizer da tal de “obrigatoriedade”. Será que vem dos responsáveis, da sociedade, da cultura...?

Talvez, esta aversão à escola, seja pela palidez, pela indelicadeza e pela ranhura com que são recebidos e tratados no ambiente escolar e obrigados a frequentá-lo. Nas conversas, mais parecem que vão para a escola como se fossem para uma guerra.

- *Professor, qualquer dia faço uma loucura aqui dentro* – disse um deles.

- *Ela é muito marrenta e não sabe a metade do que fala!!!* – Comenta um deles ao citar sobre uma aula em que a professora discorre sobre o tema da violência.

É nítido que chegam à escola plurais, desordenados em seus pensamentos, mas habitados de angústias, indagações e incertezas, desejando sempre deslocamento em todos os sentidos, sedentos para dividir seus conhecimentos, malandragens e conquistas.

Caberia à escola aproveitar esta janela aberta e transitar por eles agregando valores do conhecimento sistemático em que ela navega? Mas a sensação que tenho é que, ao passar pelos portões escolares, são obrigados a assumir formatos construídos e engessados.

Fragmentados, debatem-se como passarinhos enjaulados ou como mãos algemadas.

Favelado é a sina, aliás, favelado a sua etnia. São marcados na pele: “favelado”. Para sempre condenados.

Parecendo como um sistema de códigos de barras, assim funciona os olhares de “alguns” ou “muitos” professores, que ao mirar seus olhares, contra as enfileiradas barras negras (alunos e alunas) *side-by-side*, identificam o produto e encaminham ao compartimento a serem moldados ou já produtos prontos.

Percebo na fala destes jovens uma falta de conectividade. Há um hiato ou existe um buraco, entre eles e os temas/assuntos tratados nas aulas e nos

espaços escolares em detrimento do conhecimento adquirido por estes meninos e meninas nos seus espaços de convívio e intervenção. Nesta direção é nítida a dicotomia entre o que eles esperam da escola e o que a escola tem a falar para eles.

REFERÊNCIAS:

MELO, Victor Andrade de. Introdução ao Lazer. Editora Manole. São Paulo, 2003. *In:*

sobre o(a) autor(a):

Professor de Educação Física Rede Municipal da Cidade do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte (IM/UFRRJ – IA /UERJ).